

MARIA ADELAIDE NETO SALVADO, PEDRO MIGUEL SALVADO, *Rei Wamba - Espaço e Memória*, Coimbra, A Mar Arte, 1995, 111 págs.

O livro em referência constitui um testemunho dos rumos que as novíssimas questões da história oral vão assumindo entre as mais jovens gerações de investigadores portugueses. Testemunho que traduz um primeiro olhar sobre a sobrevivência em termos micro-históricos de uma "imagem cultural" sobre um "rei fundador" que a comunidade egitaniense foi salvaguardando ao longo das centúrias medievais e modernas. Radiografar a sobrevivência de um mito sobre um heróico rei visigodo referencia-se como uma opção científica que exige uma abordagem em termos de longa duração, tal como os Autores fazem, posto que, inevitavelmente, se denuncie no livro a condição de primeiro ensaio, de uma experimentação discursiva historiográfica que fica a dever muito ao contemporâneo vocabulário antropológico e sociológico, mas que requer um necessário aprofundamento e uma mais exaustiva investigação.

Os Autores dividem o livro em oito "capítulos" com desigual tratamento. Tratam, assim sendo, os temas: "Idanha-a-Velha num olhar do séc. XVI: a vara de Wamba" (pp. 7-12); "A tradição popular—cofre privilegiado da Memória" (pp. 13-18); "Wamba na Espanha visigoda do séc. VII" (pp. 19-38); "A memória de Wamba na Reconquista Cristã" (pp. 39-44); "A memória de Wamba em

Portugal nos sécs. XV a XVIII" (pp. 45-64); "A memória de Wamba nas relações luso-castelhanas em dois momentos chave" (pp. 65-90); "A memória de Wamba durante o domínio Filipino e a Guerra da Restauração" (pp.91-96); "A memória de Wamba em finais do séc. XX" (pp. 97-107). Possui, ainda, uma pequena bibliografia (funcional, decerto, posto que insuficiente) que exclui títulos e referências arquivísticas citadas fugazmente ao longo do texto (pp. 109-110) e dez reproduções fotográficas (arroladas na pág. 111).

Segundo a tradição oral, registada desde cedo nos textos historiográficos medievos luso-hispânicos, como a Crónica Geral de Espanha de 1344, a *civitas* de Idanha-a-Velha cultuou a crença de Wamba ter nascido no seu seio. Wamba reinou entre 672 e 680, desempenhando um importante papel enquanto monarca (re)organizador e unificador dos poderes hispano-visigodos seja ao nível laical, seja ao nível eclesiástico. Seria mais preciso, por parte dos Autores, o uso do conceito "Hispania" do que "Espanha" (p. 19) para o tratamento de épocas anteriores ao período histórico moderno.

A sobrevivência da sua memória na região fronteiriça luso-leonesa terá de atribuir-se, necessariamente, à importância da velha Idanha enquanto centro urbano e cultural ao longo do período alto-medieval. De facto, a sobrevivência de uma imagem popular de um Wamba como rei fundador, espécie de "pater patriae", o qual realizara o prodígio de plantar a sua vara (símbolo de poder) que se transforma em árvore frondosa e eterna da vida, que os egitanienses sempre identificaram, não pode deixar de inserir-se nas estruturas mitológicas indoeuropeias dos heróis fundadores. Representa também uma referência a quadros da antropologia do simbólico em espaços helénico-mediterrânicos (v.g. mito de Habis) (pp.32-33).

Esta localização do "mito" de Wamba enquanto rei natural de Idanha-a-Velha traduz necessariamente a força histórica daquela antiga cidade hispânica que foi a sede de um dos maiores bispados

da cartografia eclesiástica visigoda. É na força cultural de uma Idanha cristã e moçárabe que devemos encontrar a razão estrutural portante de um princípio identificador da memória social daquela comunidade beirã. A história tardo-medieval e moderna da região imporia novas cartografias de povoamento, levando à mudança de populações, ao atrofiamiento de povoados e à transferência de uma velha *civitas* para uma nova cidade episcopal. Mudança e transferência que se traduziu no apagamento de antigas referências memoriais colectivas em favor de outros imaginários mais funcionais e activos no Portugal moderno e contemporâneo.

Seria por mão dos eruditos historiadores e arqueólogos que, na segunda metade do século XX, se recuperaria esse património oral que anteriores gerações haviam praticamente perdido. Mas aqui entramos na área do fazer a história, da sua escrita e, por que não, da sua (re)invenção pelos historiadores...

SAUL GOMES